

A DEFEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

DIRECTOR — Antonio Valente de Almeida

EDITOR E ADMINISTRADOR — Antonio Ferreira Coelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOÃO DE DEUS, 15

ASSINATURA	PROPRIEDADE DA EMPRESA	ANUNCIOS
Em Ovar (vila), semestre 75 cent.	Composto e impresso na IMPRENSA PATRIA — Rua Antero do Quental, 36 — OVAR	Primeira publicação, \$10 centavos a linha.
Para fora da vila e continente, semestre 80		Repetições, idem.
Possessões port. e países estrang. sem. 7\$50 esc.		Permanentes, contracto especial.
Avulso 10 cent.		

NOTAS DA QUINZENA

Trôco

Tem «A Patria» um gazetilheiro que é meio palmo de gente, *em tudo*, a que damos trôco *por esta vez*.

Chama-nos ele «alminha do senhor» e para ir entre-tendo as cocegas dá-nos na «gazetilha» o que ele chama — conselhos.

Tem razão o meio palmo de gente *em tudo* em nos chamar «alminha do senhor».

Foi e é por o ser que, quasi metade da vida, temos ganho cabelos brancos a promover o advento da Republica, primeiro; mais tarde, e agora, a quebrar lanças por ela.

E isto para ser facil ao meio palmo de gente instalar-se á mesa farta da Republica, sem outro merito e outro esforço que, de cocoras, lambar os butes ao chefe. Em Ovar, terra generosa e hospitaleira, foi advogado sem clientes pois que, para os ter, é preciso trabalho e saber. Não caía lá uma causal! Fez-se satellite, o que lhe rendeu um notariado.

Ser notario exige estudo, zelo profissional, amor ao trabalho, e por isso o cartorio ficava ás moscas. A sinecura era teza e chôfia.

Mas aparece, providencialmente, um estabelecimento de credito, e o fura-vidinha pelo merecer privativo de sota que é, do chefe, lá se amesendou lepido e nedio como um *lu-lu* de regaço, por aí vai ficando até vêr...

Ora isto, sim, é não ser «alminha do senhor».

E por cima de tudo dá-nos o conselho de: — «digerir».

Ora digerir vai digerindo ele da Republica dos compadres, não como meio palmo de gente *em tudo*, mas como dois alentados dos sobreditos.

E é do que vive, e para que vive, esta meia miseria anonima!

Escolas P. Superiores

Não percebendo bem á primeira leitura lemos segunda vez a parte do programa do governo relativa á instrução

primaria: «remodelação das actuais escolas primarias superiores de maneira que as suas secções tecnicas tenham especial desenvolvimento segundo as necessidades regionais» — e á segunda e vagarosa leitura ficamos... como á primeira.

Secções tecnicas de escolas primarias superiores!

Bico ou cabeça senhor Ministro, como dizia o outro, se fosse ouvido:—ou ensino tecnico, profissionalista, ou ensino geral primario.

Estas pobres escolas primarias superiores, coitadas delas!

Tendo por função completarem, no sentido integral da palavra, o rudimento de instrução que é a escola primaria tornando-se operosos viveiros de difusão de cultura e civilização, de utilização de inteligencias, recrutadas por aí fóra com mestres e mestras de meninos de duvidosa competencia para o proprio ensino elementar, estabelecidas e instaladas mais como premio politico que como obra educativa, o que merecem e carecem não é o enterro em caixão de chumbo das *secções tecnicas*.

Precisam da reforma que lhes dê o professorado competente para o seu funcionamento «comme il faut» ainda que seja necessario, transitoriamente, fechar trez quartas partes das que existem e saltar por cima dos «direitos (sic) adquiridos» de professoras e professores que, educados e adaptados ao usual do *A B C*, o mesmo *A B C*, mais ou menos pitoresco e mais vaidoso e mais doutoral—isto é *mais asno* — é tudo quanto ensinam e sabem.

Isto sim. Reforma. Extinção—nunca!

Regresso ao passado

Discursando no acto da apresentação do governo ao Parlamento, o antigo ministro do governo provisório sr. Antonio Luiz Gomes afirmou a necessidade de restituir-se o regime republicano á pureza de correções e principios que foram a grande

força moral do partido até ao cinco de Outubro.

Na verdade, e em resumo, toda a solução nacional de vida está nisto.

Com os partidos constituidos ou fóra e acima dos partidos, se estes continuarem a dar prova de incapacidade para a realização deste ideal politico, é necessario, custe ou não custe, acabar com os inumeraveis abusos de toda a especie e todo o tamanho que, pintados de vermelho verde, teem tido arte de se impôr, adquirindo direitos de cidade onde deviam ser objecto extreme de proscricção. Ou então continue o reino—bamburrio do devorismo e o *l'état c'est moi* de quanto jagodes por aí detem funções de poder, e nesse caso, lá se avenham com a nau desgovernada e açoi-tada de ressaca brava os *patrioteiros* que a pozeram a sacco.

Boa doutrina

Do sr. Presidente do Ministerio: — «O representante do partido monarchico limitou-se a fazer a declaração de que o governo lhe não inspirava confiança. Não lhe deu novidade nenhuma. Os governos da Republica não devem nem podem ter a confiança dos monarchicos».

Assim é. Assim tem de ser.

Não se admitem confusões, nem aguas turbas nenhuma.

Impostos e economias

Na sua declaração ministerial promete-nos o governo uma remodelação do nosso arcaico e vicioso sistema tributario criando-se, ao mesmo tempo, maior receita, o que é uma ameaça de sacrificios. Reciprocamente promete-nos cortes severos na bambochata das despesas publicas.

Não lhe faltará, apesar das dores de abrir os cordões á bolsa, o apoio do contribuinte se a primeira parte deste programa fór contrabalançada pela execução da segunda parte:—isto é, se ao aumento das receitas corresponder

a inexoravel politica de redução das despesas em todos os serviços do estado em que se possa exercê-la.

E não são poucos esses serviços...

A força publica

No sudario da situação em que o estado se encontra o sr. Presidente do Ministerio, enumerando os encargos com a sustentação da força publica, esclarece o paiz de que esta custa mais dezaseis mil contos do que as receitas totais do erario publico pois que, sendo estas de 173.000 contos — exercito, marinha, guarda republicana, guarda fiscal e policia custam contos 189.000.

Evidentemente semelhante absurdo não pode nem deve subsistir e é mesmo urgente o pôr-lhe termo.

O paiz não pode esquecer o que deve ao exercito e á marinha de guerra, pois que ainda são recentissimos os factos da grande guerra, e da sua memoria ainda se não apagaram os feitos que o honraram (e lhe propagaram a fama) dos seus soldados e marinheiros nos matos adustos da Africa, nas brumas gelidas da Flandres.

Sim o paiz não quer, não pode querer a destruição das forças de defesa a que na hora do perigo bem sabe que pode exigir os maximos sacrificios:—mas, na hora de hoje, o inimigo da nação é o que a escôa em sangue pelo sorvedouro das suas finanças e, esse, nenhum heroe militar o esmaga.

Assim, os cortes fundos e severos teem de incidir sobre os orçamentos dos diferentes organismos da força publica, é preciso, porém, que isto se faça sem lesão essencial na capacidade de resistencia do exercito e da marinha a qualquer agressão exterior mais que improvavel, agora, certo é, possivel sempre não o esqueçamos.

Caso julgado

Sob a forma de epistola aos lieis «A Patria» publica uma defesa do sr. dr. Pedro Chaves no caso que este jornal versou sob o titulo «Liquidações Politicas».

Não comentamos, nem

julgamos o celebrado pacto de que é um dos signatarios; não comentamos nem julgamos a sua carta. Queremos, somente, tirar ao sr. Senador o que é uma ilusão do seu espirito ou foi uma leitura precipitada e, porventura, irritada da nossa simples narrativa.

Queixa-se, ou aponta, que aproveitamos o caso para uma campanha individual vendo-o só, não vendo os outros.

E explica que, isso, revela terem-no os seus adversarios em conta de alta superioridade, assim e involuntariamente confessada, e o episodio os servir para terem o prazer invejoso de o apearem do seu pedestal, ou como tal suposto.

Risonha ilusão, leitura por oculos aberrativos que trocam as letras umas por outras.

A verdade é que abreviemos no mesmo indice todos os sinatarios da *Publica-forma*, especializando o sr. dr. Chaves exclusivamente pelas circunstancias agravantes, uma por uma indicadas, que tornam o acto mais censuravel neste sr. que nos outros, e é isto, e só isto, — uma campanha pessoal!

Tratamos este caso com desgosto e sem o jubilo que nos atribue e é, ainda, erradamente que a sua fantasia nos imagina descendo-o dum pedestal que está tão longe de ser obra nossa que nem sabemos aonde existe, nem de que materiais seja feito.

Mas esta questão é um caso julgado.

Voltemos folha.

“A DEFEZA,”

Chamamos a atenção dos nossos presados assinantes, para os novos preços de assinatura, que verificarão no cabeçalho do jornal e que nós justificamos pela subida, desconforme, de todas as materias inerentes á imprensa.

A Fonte das Luzes

Na sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal realizada no dia 4 do corrente, tiveram os srs. vereadores conhecimento do facto gravissimo de estar inutilizada para consumo, *ao menos por algum tempo*, a agua da Fonte das Luzes.

O facto, do conhecimento de todo o publico, admira, na verdade, que tão de vagar tenha chegado ao conhecimento, official, do municipio, os industriais desta vila srs. Brandão & Irmão, com a sua jerradora de vapor de gaz pobre produzindo oleos resinosos, vulgarmente chamados *pitch*, inutilisaram a agua dos poços visinhos e a da fonte.

Fizeram-no, e isso os absolvo plenamente da animadversão publica, por ignorarem naturalmente que iam prejudicar os particulares e o publico, e suspenderam a produção desses oleos quando viram os prejuizos que isso causava.

Mas a Camara, tendo conhecimento do facto principal, a adulteração da agua da fonte, não podia, não pode dar-se por satisfeita com o conhecimento, se o teve, de que esses industriais tinham sustado essa exploração da sua fabrica: — teve conhecimento de que a agua da fonte estava, e está, inservivel para consumo, e providencia nenhuma — absolutamente nenhuma! tomou a Camara!

Resolveu este caso grave pelo comode e extraordinario expediente de não tujir nem mujir, com o fundamento de que se trata dum assunto de hygiene e sanidade publica de competencia privativa do sub-delegado de saude!

A fonte é uma propriedade municipal de inapreciavel valia e é uma utilidade e necessidade do povo: — isto basta para que a Camara deva zelar a sua conservação e exigir a culpabilidade do prejuizo a quem quer que dele foi causa.

Isto é elemental, simples e intuitivo, e isto nada tem com os deveres e atribuições, no caso, do sub-delegado de saude — que são outra cousa.

Não se viu isto que é fundamental e da maxima responsabilidade, mas fez-se mais: — não se officiou ao sub-delegado de saude pedindo-lhe as providencias de character higienico urgentes.

Argumentará a Camara, desculpando-se, que esta autoridade tem o dever de providenciar; é isso certo desde que reclamações lhe cheguem nesse sentido, e isso em nada desobriga a Camara de o fazer constar a essa autoridade e instar pelas suas providencias: — como proprietaria da fonte e como representante dos municipios, essa era a sua obrigação.

E, ainda isto, se não fez!

Desprezo e desleixo completos por uma questão de tão essencial interesse publico; abandono total e criminoso duma propriedade municipal cuja importancia escusado se torna encarecer, e que a idillidade, por dever inalienavel de officio, tem de manter contra quem quer que a prejudique, ou possa prejudicar, no estado de conservação em que a recebeu; — pois que se trata duma fonte publica que abastece consideravel área da vila e que é, até, frequentemente, quasi a unica de cujo manancial se dispõe.

Extraordinario, realmente. Extraordinaria Camara Municipal!



Dois espectaculos

Dois espectaculos realizou ultimamente o «Orfeon Ovarense», um, o primeiro, no nosso teatro, o outro na vizinha vila de Oliveira de Azemeis; e, porque tanto um como o outro, foram a afirmação iniludivel, por muito que pese a certas almas, de uma harmonia nos acordes e um equilibrio na execução bastante regulares já, o que de um modo notavel vinca bem a faculdade de interpretação dos nossos orfeonistas em geral, nós, que muito prezamos toda e qualquer manifestação artistica, não podemos, nem queremos deixar passar essas duas noites sem aos orfeonistas rendermos a nossa homenagem.

A' indiferença enervante de uns, e ao petulante desdém de outros sentimos a necessidade e o dever imperioso de respondermos com a nossa admiração e o nosso entusiasmo que são bem o ócio apagado do entusiasmo e da admiração que o grupo orfeonico tem deixado em espiritos sem duvida *menos elevados*, mas por certo mais sinceros do que os dos dois grupos a que atraz nos referimos.

Manifestação artistica disse-mos nós, e antes que o titulo, por demasiadamente pomposo, pareça ao leitor uma afirmação um tanto ou quanto exagerada, informando de um excesso de parcialidade, deveremos acrescentar que se no conjunto a execução dos varios numeros do programa não revelou já uma tecnica tão perfeita, tão segura que permita empareceir os dois espectaculos ao lado do numero restrito das manifestações artisticas, no entanto como tal devemos considerar os meritos revelados, atravez de todos os trechos executados, pelo director e ensaiador do grupo orfeonico, o sr. Adolfo Amaral.

Tivemos já ocasião de o afirmar, e hoje repetimos, eram gargantas, quasi em geral, completamente selvagens, quando entraram para o orfeon, aquelas que agora vimos de ouvir cantar. E quando, após tão reduzido numero de ensaios, taes gargantas se apresentam interpretando tão correctamente, com tanta felicidade, trechos como o da opera «Tanhäuser» de R. Wagner, se somos compelidos a admirar os executantes, temos o dever de olhar como sendo de um artista a alma de quem os preparou.

Foram dois os espectaculos, disse-mos, e porque do segundo está o maior elogio na apreciação feita pelos jornais de Oliveira, limitar-nos hemos a falar do primeiro.

Teve este lugar no nosso teatro na noite de 26 de Junho ultimo perante grande numero de espectadores que por completo enchiam a sala, o que prova bem a simpatia que o nosso publico tem já pelo Orfeon.

No programa com que neste espectaculo se apresentou figuravam a par de alguns numeros do nosso folclore musical, trechos de musica classica de bem difficil interpretação, e a verdade manda-se diga que de um modo geral

se houve o Orfeon de molde a satisfazer os mais exigentes, bem entendido os exigentes conscienciosos.

A aparente dissonancia que quasi todos os trechos de Wagner apresentam aos ouvidos pouco habitados á obra do celebre compositor alemão, fez com que o incontestavelmente mais belo numero de todo o programa — o 2.º coro dos peregrinos da opera Tanhäuser — verdadeira pedra de toque da faculdade de interpretação dos orfeonistas, como ha pouco nos afirmava o digno director do Orfeon, deixasse a certos ouvintes uma impressão desagradavel.

Sem nos querermos arvorar em critico musical, é unicamente pelo direito, que cremos ter, de emitirmos o nosso parecer, devemos afirmar a nossa discordancia com semelhantes opiniões, e antes (e nisto é o nosso parecer corroborado pela opinião de alguém de toda a competencia) declarar que o nosso grupo coral foi, como atraz dizemos, de uma interpretação muito feliz no trecho de Wagner, ao qual imprimiu uma expressão muito apreciavel já.

Aquelas verdadeiras sonoridades e efeitos do órgão que se emanam de todo o coro dos peregrinos, aquele *crescendo* que de um murmúrio de vozes que se perdem ao longe, rufar de azas quasi imperceptivel, vai gradualmente subindo, redobrando de intensidade, a massa coral os traduziu de uma forma muito correcta já.

Depois do trecho da opera Tanhäuser, foi a «Morma», peça portuguesa orquestrada por Antonio Arroio sobre os versos encantadores de João de Deus, o numero de mais difficil execução de todo o programa. As successivas mudanças de tom, obrigando a entoações por vezes difficilmas, transformando toda a peça numa especie de marcha ondulada durante a qual os diversos naipes se vão apoiando mutuamente, tornam a «Morma» custosissima de interpretar.

E quem poderá negar ao grupo orfeonico na execução deste trecho uma tecnica bastante apreciavel, uma firmeza pouco vulgar em massas corais de tão recente formação?

Não bastarão estas duas peças, só por si, para honrarem um grupo orfeonico quando ele as interprete da maneira como o nosso Orfeon o fez na noite de 26 de Junho?

Estamos de aqui a divisar em certos labios um sorriso ironico como resposta a esta nossa pergunta; não nos esqueçamos, é certo, de que foi exactamente a «Morma» a mancha que ofuscou um pouco em Oliveira o brilho do espectaculo, mas porque não confessarmos tambem a enorme dificuldade que ha em conseguir uma harmonia perfeita em 80 gargantas que não poderão deixar de se ressentir de uma viagem por estradas desgraçadas, de um paleo acanhadissimo em que se está como sardinha em canastra, em que se sua constantemente, em que uma iluminação a acetilene nos chega quasi a atafegar com fumo, etc?

Devemos por isto censurar o Orfeon, ou apoucar o seu valor, demais a mais nós que já tivemos ocasião de o avaliar?

De modo nenhum. São causas accidentais a que pode estar e está sujeito qualquer grupo dos de nomeada.

Mas, voltando ao espectaculo de Ovar, não foi unica-

mente naqueles dois trechos que o nosso Orfeon revelou as suas optimas qualidades. Todo o demais programa foi uma afirmação de valor pouco vulgar em grupos corais nascidos em meios que como o nosso quasi desconhecem a educação artistica.

A «Alerte», canção em francez de Massenet e os «Guardas da Rainha» coro de uma opera de Ambroise Thomas, pela maneira como foram executados, deixando no publico uma agradável impressão, são a confirmação deste nosso acerto.

Do que foi o espectaculo em Oliveira de Azemeis, sem duvida inferior ao de Ovar, faiam por nós as palavras captivantes com que ao «Orfeon Ovarense» se referiu o correspondente daquela vila do jornal «O Comercio do Porto», em carta inserta no n.º do dia 19 do corrente deste importante diario da cidade invicta: «Tivemos ontem uma noite agradabilissima, uma verdadeira noite de arte, com a audição do «Orfeon de Ovar», composto de 80 figuras sob a habil regencia do sr. Adolfo Amaral.

A Tuna tocou nos intervallos belos trechos que foram muito apreciados. Oliveira de Azemeis muito tem que agradecer aos briosos rapazes de Ovar a bela noite que passou».

E como estas são igualmente captivantes as palavras do semanario local «A Opinião» que nos dispensamos de transcrever para não alongarmos mais esta já tão estirada crónica.

Foram, em resumo, duas noites admiravelmente passadas e que se não verdadeiras noites de arte como gentilmente escreve o correspondente de «O Comercio», pelo menos saíram um pouco já desses espectaculos rotineiros que costumamos a presenciar no nosso teatro.

A Tuna e Grupo Scénico agregados agora ao «Orfeon Ovarense» contribuíram tambem muito, tanto num espectaculo como noutro para o successo obtido, aquella sob a regencia do sr. Nicolau Seixas e isto sob a direcção do ensaiador sr. Antonio Augusto F. de Liz. Aquela, de formação tão recente como o «Orfeon», tem grangeado já fortes aplausos partilhando, e com justissima razão das honras concedidas ao Grupo Orfeonico. O Grupo Scénico é bem conhecido já do nosso publico, pelo que nos dispensamos de mais apreciações; bastará destacar, com a justiça de sempre, os nomes de Izilda Campos, José R. Pinho e José Dias Simões.

Para que o «Orfeon Ovarense» continue a progredir e a afirmar-se como até agora, são os mais sinceros votos de quem trabalha na Defeza.

Juiz Joaquim Serra

Por haver expiado o seu tempo de serviço nesta comarca, retirou daqui, ha dias, o integro magistrado, presidente do tribunal judicial ovarense, ex.º sr. dr. Joaquim Antonio Serra.

Durante os seis anos que aí exerceu a espinhosa e delicada missão de julgador, a causa de justiça teve um servidor apaixonado no competentissimo juiz e a miseria humana, que na forma concreta do criminoso, do reu se apresentava diante dele, um cora-

ção sensível e comovido, sempre propenso mais a desculpar que a condenar, mais a fazer admoestações cheias de prudencia e bondade que a dirigir investidas ásperas.

Recto, atilado, sabedor e bom sem pieguices, nem soberberias — eis o seu character.

Mas a magestade do tribunal em nada sentia quebra, tendo ali, como presidente, um homem afável e lhan, mas inteligente, que conversava com os humildes officiais de justiça nos intervallos das audiencias ou com quem quer que o abordasse em casa ou na rua, com a mesma facilidade e o mesmo á vontade, que não excluía dignidade e apurmo, com que o faria com os seus colegas do fóro. Sua Ex.ª parece mesmo que se honrava com o convivio dos sem nome a quem com sua presenca e trato encantava e educava.

Fomos dos que menos convivemos com Sua Ex.ª e certamente porque se nos torna difficil neste meio deparar com varões que se no-los apresentem com essas admiraveis qualidades pessoais, a sua retirada deixa-nos, bem como a quantos cultivavam suas relações, uma saudosa simpatia.

Mas nem todos aí o verão partir com esse sentimento. O meritissimo juiz não pode, com certeza, agradar a todos; tem essa pécha a nossa condição humana e dum modo especial a de julgador. Alguém se terá descontentado com suas sentenças que taxara levemente de iniquias, mas, se as fórmos examinar, os motivos em que as baseou, dão-lhe razão, essa razão que quasi sempre lhe reconheceram os tribunals superiores para onde delas se recorrera.

Podia errar, mas nunca errou de leve, disso estamos certos e nisto terá o seu maior elogio. Ao distinto magistrado, em permuta das gentilezas que a fidalguia do seu trato nos dispensou, apeteçemos todas as prosperidades de que é digno e felicitamos a comarca a quem agora eóbe em sorte.

Festejos ao S. João

Subscrição aberta no Rio de Janeiro (Brazil) pelo ex.º sr. Alberto Maia de Rezende, em favor das festas do S. João, realizadas em 23 e 24 de Junho p. p.

Alberto Maia de Rezende, Cimo de Vila	20\$000
Antonio Augusto Rodrigues Repinaldo, idem	10\$000
Domingos Rodrigues Repinaldo, idem	5\$000
José Maria Ferreira Laranjeira, idem	5\$000
Antonio Duarte da Silva (Almeida), idem	5\$000
José Maria Rodrigues Repinaldo, idem	10\$000
Antonio Branco, idem	2\$000
José Luiz, Salgueiral	5\$000
Manuel de Oliveira Arada, idem	5\$000
José Valente Pereira (Morgado), idem	10\$000
Manuel Maria da Silva Laranjeira, idem	5\$000
Manuel V. Silva, idem	5\$000
Manuel da Costa, idem	5\$000
Manuel Valente Pereira (Morgado), idem	15\$000
Antonio de Pinho (Aiho), Pedreiras	5\$000

A transportar . 112\$000

Transporte.	112\$000
João Maria da Costa Mendes, Salgueiral de Baixo.	5\$000
José Maria Pereira Lopes, S. João.	5\$000
Antonio Domingos de Andrade, idem.	10\$000
Francisco de Oliveira Duarte, idem.	5\$000
Augusto de Oliveira Maia, Sande.	5\$000
Manuel Caetano da Silva, idem.	2\$000
Manuel Caetano de Andrade, idem.	2\$000
João de Barros Dias, Guilhovai.	5\$000
Antonio Valente, idem.	10\$000
Antonio da Silva Marques, idem.	5\$000
Albertino Assunção, Assões.	10\$000
João Maria Dias Novo, idem.	5\$000
Antonio de Oliveira Duarte, idem.	5\$000
Manuel Pereira Marques, idem.	5\$000
Manuel Valente Junior, rua do Pinheiro	5\$000
José Maria da Silva Sousa, Quinta da Torreira.	5\$000
Manuel Oliv. ^a Junior (Mariana), Sobral.	5\$000
Manuel Almeida Novo, Valega.	2\$000
João Maria da Silva, idem.	5\$000
Francisco Gomes Salgueiral, Salgueiral-Soute.	2\$000
Francisco Soares de Pinho, Macieira—Cambra.	2\$000
João Antonio de Souza, Vizeu.	5\$000
José Pereira dos Santos, Salgueiral.	5\$000
Total em moeda brasileira, Reis.	227\$000
Que cambiada em moeda portugueza, rendeu.	310\$000

A Comissão dos festejos muito reconhecida agradece a todos os patricios e amigos, que tiveram a amabilidade de subscrever com as suas esmolas para os grandes festejos, fazendo votos para que o S. João milagroso lhes dê saúde e os ajude nos seus negócios.

Ao promotor da subscrição e nosso dedicado amigo sr. Alberto Maia de Rezende, agradecemos muito reconhecidos, a gentileza e amizade que nos dispensou e que só pessoalmente poderemos agradecer.

Noticiario

Operações

Em 5 e 6 do corrente submeteram-se a operações de grande cirurgia, uma por ulcera e outra por cancro do estomago, na casa do sr. dr. Nunes da Silva, os srs. Manuel da Graça, natural de Ovar e residente no Bundeiro e a sr.^a D. Emilia Augusta Pereira Baldaia, de 63 anos de idade, e moradora no logar do Salgueiral de Cima, da freguezia de Ovar.

Operou o sr. dr. Azevedo Go-

mes, grande cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa, coadjuvado pelos srs. drs. Nunes da Silva, Alvaro Valente, Pereira do Amaral e João Vaz da Cunha, distinto facultativo no Bundeiro. E tambem em 6 deste mez foi operado dum varicocelo, pelo sr. dr. Nunes da Silva, auxiliado pelos srs. drs. Azevedo Gomes e Pereira do Amaral, o nosso presado amigo e assinante sr. Manuel da Silva Pinho, da rua Padre Ferrer, n.º 43, desta vila. Todos os operados estão passando muito bem, com o que sinceramente nos congratulamos.

No Furadouro

Promete ser das mais animadas dos ultimos tempos a época balnear deste ano na visinha praia do Furadouro.

Bastantes familias já ali se encontram, e muitas delas estranhas á nossa vila, o que nos faz acalentar a esperança de vermos a nossa encantadora beira-mar aformoseada por ranchos de jovens das mais galantes que os nossos olhos poderiam ambicionar para seu regalo.

Vai ainda em meio o mes de Agosto, e são deliciosas já as tardes ali passadas; grupos femininos num desprendimento, num «á vontade» de quem não necessita que se preocupar com exagerados arranjos de *toilette* improprios do socego que á nossa praia se vai procurar, acantonam pela areia, á sombra de barracas de pano, lendo, conversando, ou passando o tempo numa daquelas distracções femininas que são no entanto, obra de infinda paciencia e delicadeza—os bordados a *crochet*, as rendas, etc.

Bastante melhorada, vai abrir a Assembleia, e ali terão as gentis banhistas onde passar uma parte da noite tocando e dansando.

Entretanto chega o mes de Setembro e com ele a verdadeira animação á praia, com as suas tardes amenas passadas á beira-mar, as noites claras de luar, o espectáculo sempre interessante da *tiragem* das redes, os passeios na ria, etc.

No domingo passado, de tarde a expensas de alguns banhistas tocou no coreto da praia alguns trechos do seu repertorio a filarmónica «Boa-União», o que tanto bastou para que o movimento no Furadouro fosse já muito regular.

De entre as familias que já lá se encontram veem-nos agora á memoria as dos srs. alferes José Pinho, Francisco de Oliveira Gomes, dr. Pereira Zagalo, Joaquim Correia Dias, Francisco Coentro, José Placido Ramos, Dias Simões, Pinto Palavra, Antonio Valente de Almeida, Alfredo de Sousa Pinho, etc.

E por toda esta semana tencionam ir para lá as dos srs. Manuel Coimbra e dr. Francisco Araujo.

Senhora de La-Salette

Ontem, hoje e amanhã, tres dias de festa na visinha Oliveira de Azemeis.

E' a Senhora de La-Salette, uma das romarias mais impor-

tantes de aquem Vouga, e a atesta-lo está a massa compacta de povo que durante os tres dias da festa se espalha por toda a vila e pelo pitoresco monte onde foi erigida a capelinha em que se venera a imagem da Santa.

A ela concorrem sempre centenas de pessoas da nossa terra, especialmente raparigas que nos ranchos numerosos vão por aí fóra de alongada, cantando sempre, quer pelo caminho, quer na romaria onde põem a nota mais alegre e das mais belas, pois em beleza e alegria as nossas interessantes tricaninhas levam sempre a palma a todos os demais grupos que de outras terras ali convergem.

A pé umas poucas de léguas, divertindo-se quasi sem descanso durante dois ou mesmo tres dias consecutivos, não há, no entanto, naqueles rostos, sempre frescos, o mínimo indicio de cansaço, do mesmo modo que naquelles olhos cheios de sonho e misterio nunca se empana a alegria, e naquellas bocas tentadoras nunca emudece o canto. E' gente moça que anseia por se divertir, por expandir livremente a alegria e a ternura dos seus corações.

A gente ouve-as, vê-as, sempre rodopiando, sempre cantando, e chega a pasmar de como tanta energia, tanta vitalidade há em quem todo o santo ano trabalha desde o nascer ao pôr do sol, sem que as faces descorem ou os lábios percam o viço.

Conforme o programa por aí espalhado, constará a festa, á semelhança dos demais anos, de iluminações, procissão e arraial com tres ou quatro bandas de musicas.

Tres dias de folia para... quem lá pudér ir, e de rendoso proveito para o commercio local.

Entre nós

Findas as lides escolares no presente ano lectivo, teem regressado a esta vila quasi todos os estudantes nossos conterraneos; assim entre nós se encontram já, vindos de Lisboa, os srs. Francisco, José e Antonio Araujo, e Manuel Nunes da Silva, e do Porto, os srs. José Afranio de Sousa Lamy, José Lamy, Antonio Rodrigues da Silva, João e Bernardo da Silva Bonifacio, etc.

—Igualmente se encontra nesta vila já o meritissimo Juiz de Direito em Chaves, o nosso conterraneo, sr. dr. José de Sousa Azevedo.

—Da America teem chegado ultimamente, ao que nos consta, diversos rapazes nossos conterraneos; a todos eles, de entre os quais temos conhecimento do sr. Joaquim Dias de Rezende e de dois filhos do sr. Carlos Ferreira Malaquias, apresenta a «Defeza» as boas vindas.

Hidro-aviões

Em direcção á cidade de Viana do Castelo passaram nesta vila, na manhã de segunda-feira ultima, magestosos e arrogantes, despresando a terra e desafiando o perigo, chamando a admirar, com o roncar continuo dos seus motores, o povoleu sempre curioso e basbaque, tres hidro-aviões portuguezes que na ante-

vespera haviam atarrissado em Aveiro vindos do centro aeronautico do Bom-Successo.

Cremos que tambem na viagem foram bem sucedidos, com o que todos nos podemos regosijar, não só porque assim se salvaram ainda desta vez umas tantas alminhas do Senhor, mas mesmo porque era imensamente triste e desalentador ver desapparecer no fundo do mar ou reduzidos a migalhas aí em qualquer canto deste nosso abençoado solo, na tão pouco proveitosa e ingloria missão de passear á conta do estado, mais tres aeroplanos portuguezes.

A tarde na praia do Furadouro, vimo-los passar novamente, no seu regresso a Aveiro. Recortadas no azul diafano do ceu as suas esbeltas silhuetas, voando celeres sobre a agua verde esmeralda do oceano quais gaivotas gigantescas, quão pequenos nos sentiamos, e com que desprezo os aviadores nos haviam de olhar lá do alto!

Partida

Com sua ex.^{ma} esposa, filho e sobrinho, partiu no correio da noite de domingo ultimo para Lisboa de onde seguiu para o Rio de Janeiro, o nosso conterraneo sr. Joaquim da Silveira Abreu, filho do sr. Antonio Augusto Abreu e cunhado dos srs. José Augusto Fidalgo e Augusto de Quadros Abragão.

Uma feliz viagem lhes desejamos.

Juiz da comarca

Pelo movimento ultimo do quadro da magistratura, acaba de ser colocado á frente da nossa comarca o sr. dr. Antonio Neves Ferreira que até agora exerceu igual cargo na visinha comarca da Vila da Feira.

Esperando que sua ex.^a mantenha entre nós as normas tradicionais dos magistrados seus antecessores, apresentamos-lhe os nossos mais respeitosos cumprimentos.

E afinal, pouco mais seguros por aqui andamos, apesar de ser firme o chão que os nossos pés trilham.

Noticias militares

Todas as praças que faltaram á revista de eardenetas, sempre que desejem que qualquer sua pretensão tenha andamento, deverão primeiramente legalisar a sua situação relativa ao pagamento da multa com que estão punidos.

—Todas as praças na situação de licença registada p. p. de 30 dias estão sujeitas ás revistas de cadernetas, como se fossem licenciadas, nos termos do art. 26.º da VI P. do R. G. S. P. Ex.

—Os requerimentos para trocar o serviço da armada com o do exercito, são dirigidos á Secretaria da Guerra pelos mancebos interessados.

Inspecções

As inspecções dos mancebos recenseados no ano corrente para o serviço militar por este concelho, realisam-se nos dias abaixo indicados po-

la seguinte ordem de freguezias:

Dia 16—Esmoriz.

Dia 17—Arada e Valega, até ao mancebo Fausto Vieira.

Dia 18—Restantes de Valega.

Dia 19—Maceda e S. Vicente de Pereira.

Dia 20—Cortegaça.

Dia 22—Ovar até ao mancebo Artur Rodrigues Laranjeira.

Dia 23—Ovar, desde o mancebo Augusto Maria Rodrigues da Graça até Guilherme da Silva Pode.

Dia 24—Ovar, desde o mancebo Horacio Augusto Ribeiro até José Maria Rodrigues Chalão.

Dia 25, desde o mancebo José Maria Saboga Manarto até Manuel Pereira, filho de Manuel Pereira.

Dia 26, os restantes de Ovar. Os mancebos a inspecionar teem de munir-se antecipadamente da competente guia na secretaria da Camara.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

No Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão Zagalo de Lima correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando os interessados Manoel Antonio Lopes, viuvo e João Antonio Lopes e mulher Joana da Conceição Lopes, todos ausentes em parte incerta da cidade do Rio de Janeiro, dos Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de sua mãe e sogra Maria do Carmo Ferreira de Sousa, tambem conhecida por Maria do Carmo de Sousa Lopes, que foi moradora na rua Julio Diniz, da vila de Ovar; e isto sem prejuizo de seu andamento.

Ovar, 17 de Junho de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito,

J. A. Serra.

O escrivão,

Angelo Zagalo de Lima.

ACEITAM-SE

anuncios permanentes para a 4.ª pagina deste jornal, a preços convidativos.

IMPRESA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL

—OVAR—

Execução rápida e perfeita de

todos os trabalhos tipográficos.

Impressão a ouro, prata e cores

AVIZ

Companhia Seguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA -- CAPITAL 1.000.000\$00 ESC.

Autorizada pelo Governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social - Rua do Carmo, 69 - 2.º

LISBOA

Endereço telegrafico - VIZA LISBOA

Telefones: Expediente, 3919 - Administração, 5001

Delegação - Rua Sá da Bandeira, 212-1.º

PORTO

Endereço telegrafico PORTOVIZA

Telefone - 1962

DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas - DELEGAÇÃO EM EXTREMOZ: Ru 5 de Outubro - Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS: - Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica

— OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionis e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de kumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para tabaco e muitos outros artigos.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de esponsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realiado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Séde: Largo dos Loios, 92 - PORTO

Recosta de 1914 (Esc.)..	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601\$41
> de 1915 > ..	71.197\$29,5	> > em 1915..	25.903\$15
> de 1916 > ..	537.897\$94,8	> > em 1916..	153.470\$90
> de 1917 > ..	3.139.404\$23	> > em 1917..	1.427.035\$74

Afóra os que se toem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grêves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa

Directores delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo

Banco Nacional Ultramarino

AGENCIA EM OVAR

DESCONTOS DE LETRAS. - SAQUES. - VENDA E COMPRA DE PAPEIS DE CREDITO.
PAGAMENTO DE MENSALIDADES. - CONTAS CORRENTES

DEPOSITOS A ORDEM: Até cincuenta contos - Juro de 4 % ao ano. - DEPOSITOS A PRAZO: 6 % ao ano.

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO